

- [Tutorial](#)
- [Exercícios](#)
- [Apostila](#)

1a. Introdução ao R: bases da linguagem

Antes de iniciar essa primeira aula veja a videoaula sobre o esquema do curso em [Curso IBUSP/ESALQ - 2023](#)



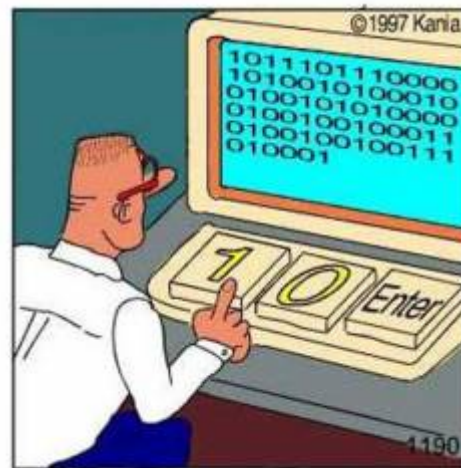
Meu nome é Alexandre e costumo falar devagar nas videoaulas. Como elas estão em um canal do youtube é possível acelerar clicando em Settings (símbolo de engrenagem que aparece na barra inferior do video) e em seguida em Playback speed. Procure a sua velocidade!



Video

Entre as várias características que definem uma linguagem computacional está a forma como o código é implementado pelo sistema operacional, ou seja, como a linguagem do programa é transformada em linguagem de máquina. Há dois tipos básicos de implementação: compilação e interpretação. O R faz parte do segundo grupo, por isso podemos conversar com o programa a cada linha de comando. Além disso, nossa conversa com o R é definida como uma linguagem de alto nível, significando que a sintaxe é similar à linguagem humana e se distancia da linguagem da máquina que

é binária, só contendo zeros e uns.



Real programmers code in binary.

Outra característica do R é que ele é uma linguagem orientada a objetos, ou seja, manipulamos objetos com procedimentos inerentes à classe a que eles pertencem. Essas características do R fazem com que esse ambiente de programação seja similar uma oficina onde matéria-prima (objetos) e ferramentas ¹⁾ são manipuladas para efetuar uma tarefa que normalmente se resume na construção de outros objetos, ou '*obras de arte virtuais*'. Vamos entrar nessa oficina!

ateliêR

Vamos usar uma interface web para rodar o R. Nos quadros **rdrr.io** é possível submeter linhas de código a um servidor que interpreta o código do R e retorna o resultado da operação em uma outra janela. Caso o servidor não esteja disponível, ou a conexão da internet não seja boa, é possível rodar as linhas de código em uma sessão do R no seu computador, apenas copiando e colando as linhas de código apresentadas antes dos quadros do **rdd.io**.

O comando que vamos executar é:

Hello, world!

```
print("Hello, world")
```

Clique no botão RUN abaixo!

Os computadores dizem que a primeira coisa que devemos fazer quando aprendemos uma linguagem computacional é fazê-la dizer [Hello, world!](#). Pronto, já fizemos nossa primeira tarefa na linguagem R!

No código acima, ao clicar em **RUN** enviamos o comando `print("Hello, world!")` para o interpretador do R e recebemos o resultado dessa operação. Apesar da simplicidade desse exemplo, temos alguns conceitos básicos da sintaxe do R que são importantes.

Note que temos no comando acima caracteres (letras, símbolos e espaços em branco) que estão agrupados entre aspas "Hello, world!". Esse é o primeiro conceito importante: **O que está entre aspas o R interpreta como sendo caracteres**. Parece óbvio, mas veja o que acontece ao rodar o código abaixo:

```
print(Hello)
```

A mensagem `Error: object 'Hello' not found`, significa que o R não encontrou o objeto com o nome `Hello`. Nossa segunda definição: **caracteres que não estão entre aspas o R interpreta como sendo o nome de objetos**. No caso, o objeto com o nome `Hello` não foi encontrado!

Atribuição

Ok! E como fazemos para criar um objeto no R? Para isso usamos as funções de atribuição. Na linguagem temos 3 tipos de atribuições utilizando símbolos diferentes:

ATRIBUIÇÃO NO R

- junção dos caracteres `<-` e `->`: atribuição à esquerda;
- caracter `=`: o mesmo que acima, atribuição à esquerda;
- junção de `->` e `>`: atribuição à direita;

Nas regras de boas práticas de estilo da linguagem, em geral, se diz que deve-se usar a primeira forma, que a segunda é aceitável, mas que não devemos usar a terceira!

Vamos criar nosso primeiro objeto no R:

```
Hello <- "Hello, world!"
```

Parece que nada aconteceu, mas atribuímos ao objeto chamado `Hello` os caracteres que compõem a frase `Hello, world!`. Após criar o objeto podemos manipulá-lo ou apenas chamá-lo para exibir o que foi atribuído a ele.

```
Hello
```

Agora temos novamente o retorno de `"Hello, world!"`, mas dessa vez a frase vem do objeto `Hello`. Quando chamamos um objeto que existe no R ele nos retorna o que está armazenado nele.

Classe dos objetos

Todo o objeto criado em uma sessão do R é atribuído a uma classe. Isso é feito automaticamente pelo R, caso o usuário não explicita a classe do objeto na sua criação. Para acessar a classe do objeto que criamos, utilizamos a função `class`:

```
Hello <- "Hello, world!"  
Hello  
class(Hello)
```

Classe Function

No nosso primeiro código do R havia um objeto chamado `print`. Vamos visualizar a classe a que pertence esse objeto:

```
class(print)
```

O R nos diz que esse objeto é da classe função. Os objetos da classe `function` em geral estão associados a uma documentação que nos ajudam a entender como usar essa ferramenta. Para acessar a documentação no R, utilizamos outra ferramenta que é a função `help`²⁾.

```
help(print)
```

Uma questão interessante aqui é que estamos usando uma ferramenta, a função `help`, para manipular o objeto `print`, que por sua vez também é uma função. O que acontece se chamarmos o objeto `help` sem os parênteses?

```
help
```

É muito importante diferenciar o objeto que contém o código, que é a função, do procedimento ao executar essa função. A diferença entre um e outro está em um detalhe pequeno que são os parênteses (...) que acompanham o nome da função. O nome da função acompanhado dos parênteses fazem com que o procedimento associado a esse objeto seja executado. Caso não seja acompanhada dos parênteses, o objeto da classe função irá retornar aquilo que está atribuído a ele: o texto de código que a função contém.

Argumentos

Na documentação da função `print` há a descrição de argumentos que, entre outras coisas, flexibilizam o procedimento da função. O primeiro argumento, chamado `x` é o objeto que será manipulado, um outro argumento dessa função é o `digits`. Vamos usá-lo:


```
print(x= 1.23456789, digits = 3)
```

Para explicitar que estamos manipulando objetos, podemos fazer o procedimento em duas etapas, primeiro atribuindo o valor 1,23456789 a um objeto e depois solicitando para que ele seja mostrado na tela com apenas 3 dígitos.

```
numero <- 1.23456789  
print(x= numero, digits = 3)
```



O padrão decimal do R



Note que no R utilizamos “.” para indicar que um número é decimal e isso ocorre pois o R utiliza o padrão de números em Inglês. Já em Português o padrão é utilizar a vírgula como indicação de decimais, porém um número com vírgula não é reconhecido pelo R, retornando um erro!

Agora vamos ver a diferença na manipulação que o `print` faz, dependendo da classe do objeto:

```
palavra <- "1.23456789"  
print(x= palavra, digits = 3)
```

Porque o objeto `numero` é manipulado diferentemente do objeto `palavra`? Por que são objetos de classes diferentes e a função `print` reconhece essa diferença e trata eles de forma diferente. Quanto manipula números o argumento `digits` faz sentido, quando o objeto é da classe `characters` esse argumento é desprezado. Aqui tem um conceito avançado da linguagem, a função `print` chama um método que executa diferentes procedimentos dependendo da classe do objeto que ela manipula. Podemos dizer que o método é um conjunto de funções. Para acessar a classe a que um objeto pertence usamos a função `class`.


```
class(numero)  
class(palavra)
```

Vamos agora usar uma outra função para exemplificar a sintaxe básica do R. A função em questão é `round`, que arredonda um valor numérico até a casa decimal solicitada, diferentemente do `print` que não modifica o valor, apenas imprime ele com o número de casa decimais solicitado. O `round`, por sua vez, faz a transformação do valor arredondando o valor.

A primeira ação que deve ter ao utilizar uma função no R é: **SEMPRE LER A DOCUMENTAÇÃO**. A documentação do `round` descreve que ele também tem um argumento chamado `digits`.

```
outro <- round(numero, 4)
```

Cadê o nome do argumento?



Note que o código acima não tem o nome dos argumentos. Estamos usando uma das regras dos argumentos no R que é a posição. Caso o nome não seja dado, o R usa a posição para atribuir o valor ao argumento. É possível usar ambas regras, posição e nome, o que é bastante comum. Uma outra regra é a do padrão único do nome simplificado. Por exemplo, o `dig = 3` será reconhecido como `digits = 3` desde que não haja nenhum outro argumento que comece com `dig` no nome. Como sabemos a posição e nome dos argumentos? No `help`. Consulte sempre a documentação! Quase todas as funções que aparecem nos códigos do wiki estão conectadas a sua documentação por hiperlink ³⁾, use e abuse!

A sintaxe básica do R pode ser definida como:

```
object <- tool(x, arg2 = y, arg3 = z)
```

Podemos ler o comando acima como sendo: “utilize a ferramenta `tool` para manipular o objeto `x` tendo o argumento `arg2` com o atributo `y` e a opção `arg3` como `z`. O resultado dessa manipulação é armazenado no objeto `object`. Note que o R, nesse caso, não devolveria nada na tela, pois o resultado da manipulação é atribuído a um objeto.

Estrutura e tipos de dados

Até aqui vimos dois tipos de informação que podem ser manipuladas no R: caracteres e números. Os números, por sua vez, podem ser de dois tipos: números com decimais (`numeric`) e inteiros (`integer`). Essa distinção é importante para a maneira como o R armazena essa informação na memória do computador, de resto elas funcionam como números racionais na matemática clássica. No capítulo seguinte vamos tratar das funções matemáticas mais a fundo. Aqui vamos apenas ver as bases conceituais dos tipos de dados básicos e qual a estrutura básica de armazenamento em objetos. As operações da álgebra básicas no R usam os mesmos símbolos que na matemática tradicional: `+`, `-`, `/` e `*`.

```
10 + 10
10 - 10
10 / 10
10 * 10
```

Como vimos na sessão anterior podemos atribuir valores numéricos a um objeto. Depois disso, podemos manipular os valores indiretamente por intermédio do objeto.

```
dez <- 10
dez + dez
dez - dez
dez / dez
dez * dez
```

Atribuímos o valor 10 ao objeto `dez` e depois manipulamos o objeto `dez`. Isso não parece ser uma vantagem. Estamos trocando dois dígitos, o valor 10, por um objeto que contém 3 letras, o `dez`. A vantagem começa quando atribuímos o resultado de operações a um outro objeto.

```
cem <- dez * dez
dezmil <- cem * cem
cem
dezmil
```

Vetores

Ficaria ainda melhor se pudessemos operar mais de um valor de uma vez. Como armazenar mais de um valor em um objeto? Usamos uma função `c` que significa **c**oncatenar ou **c**ombinar. Os elementos combinados são a estrutura básica de dados no R, que é o objecto da classe `vector`. Esse é o elemento básico dos objetos no R. Mesmo que o objeto só tenha um elemento, trata-se de um vetor com uma posição.

```
contadez <- c(1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10)
contadez
```

Indexação de Vetores

Note que, antes de iniciar a apresentação dos valores que estão no vetor `contadez` o R apresenta o valor 1 entre colchetes `[1]`. Caso o nosso vetor fosse longo e tivesse que ser apresentado em várias linhas, outros valores em colchetes iriam iniciar essas outras linhas de apresentação dos dados. Esses valores representam a indexação do elemento que inicia a linha de apresentação do conteúdo do vetor. Ou seja, o elemento na posição 1, no nosso caso é o valor 1. Vamos inverter esse vetor, em seguida combiná-lo com o vetor anterior!

```
invertedez <- rev(contadez)
descontadez <- c(invertedez, contadez)
descontadez
```

Agora, como fazemos para acessar algum elemento dentro desse vetor? Para isso usamos a indexação de posição.

Por padrão no R o primeiro elemento de um vetor está na posição 1.

Essa frase pouco informativa é um detalhe importante. Em muitas linguagens computacionais, diria até que a maioria das linguagens mais populares, a indexação começa pela posição definida como 0 (zero)! Mais a frente vamos usar outras indexações de vetores e de outras classes de objetos de dados. Abaixo temos alguns exemplos, simples para vetores:

```
descontadez
descontadez[7]
descontadez[c(1, 5, 10, 20)]
```

Classes Date

Crie objetos com as datas do tri e tetracampeonatos mundiais do Brasil⁽⁴⁾:

```
copa70 <- "21/06/70"
copa94 <- "17/07/94"
```

Qual a diferença em dias entre estas datas? A subtração retorna um erro (verifique):

```
copa94 - copa70
```

Isto acontece porque os objetos são caracteres, uma classe que obviamente não permite operações aritméticas. Já sabemos verificar a classe de um objeto, digitando o código:

```
class(copa70)
class(copa94)
```

O resultado seria character para ambos!

Mas o R tem uma classe para datas, que é Date. Vamos fazer a coerção ⁵⁾ dos objetos para esta classe, verificar se a coerção foi bem sucedida, e repetir a subtração. O código para isso está descrito abaixo:

```
copa70 <- as.Date(copa70, format = "%d/%m/%y")
copa94 <- as.Date(copa94, format = "%d/%m/%y")
class(copa70)
class(copa94)
copa94 - copa70
```

NOTA: o argumento format da função as.Date informa o formato em que está o conjunto de caracteres que deve ser transformado em data, no caso dia/mês/ano (%d/%m/%y), todos com dois algarismos. Veja a ajuda da função para outros formatos.

Inclua na janela do R online abaixo o código que gera os objetos copa70 e copa94, em seguida verifique a classe a que pertencem, e depois faça a transformação para a classe Date e a subtração entre eles.

Comentando meu código

Ao submeter uma linha de comando ao R é possível incluir comentários usando o símbolo de # . O hashtag ou sustenido indica ao R que a partir daquele ponto até o final da linha o código não deve ser interpretado.

Dado Lógico

Até o momento, vimos algumas naturezas de informação que podemos armazenar e manipular no R: caracteres, datas e números. Uma outra natureza importante de dado básico no R é chamada de lógica. As palavras TRUE e FALSE e também as abreviações T e F são reservadas para esse fim. Uma

questão importante dos dados lógicos é que a eles também são associadas os valores 0 e 1, para FALSE e TRUE, respectivamente. Veja abaixo como podemos operá-los algebricamente:

```
TRUE + TRUE
TRUE / FALSE
TRUE * FALSE
```

Além disso, o R retorna TRUE ou FALSE quando fazemos alguma procedimento utilizando operadores lógicos.

Operadores Lógicos

- == : igual
- != : diferente
- > : maior que
- < : menor que
- >= : maior ou igual
- <= : menor ou igual
- | : uma das condições
- & : ambas as condições

Alguns exemplos de operações lógicas no R:

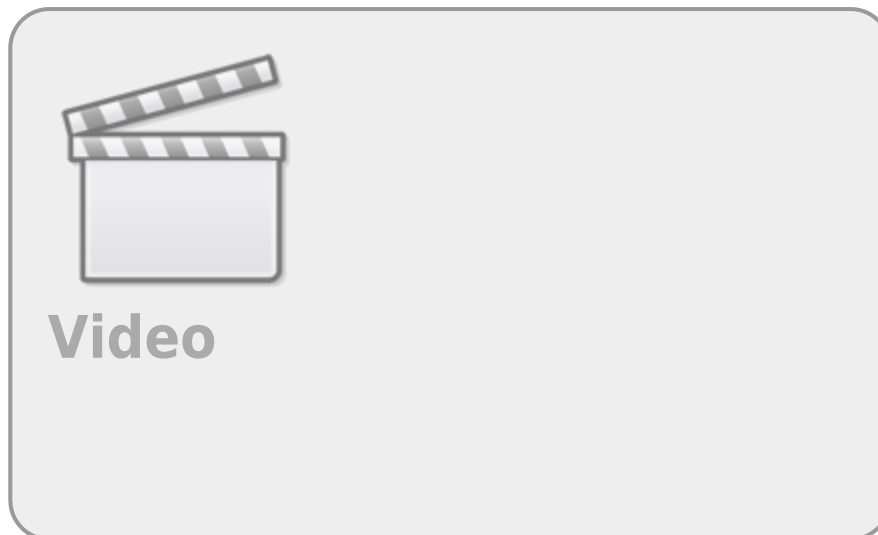
```
numero <- 1.23456789
numero < 1
numero > 1
## abaixo primeiro imprime o valor e depois faz o teste logico
print(numero, digits = 4) == numero
round(numero, digits = 4) == numero
numero > 1 & log(numero) > 1
numero > 1 | log(numero) > 1
```

NOTA: Note que a igualdade é definida por dois caracteres de igualdade: "==". Se usarmos apenas um carácter de igualdade no R isso será interpretado como uma atribuição, como o sinal "←".

A operação lógica também funciona com vetores, obedecendo a posição dos elementos:

```
contadez <- c(1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10)
invertedez <- rev(contadez)
invertedez
invertedez > contadez
```

Classe Fator



Imagine um experimento em que classificamos as plantas em uma escala de herbivoria com os níveis: “alto”, “médio”, “baixo” e “nulo”. Vamos criar um objeto que representa o valor desta medida de herbivoria em uma amostra de 14 plantas:

```
herb <- c("A", "M", "M", "A", "A", "M", "M", "B", "A", "A", "A", "A", "B", "A")
```

E então criar um objeto da classe fator com estes valores:

```
herbFactor <- factor(herb)
```

Usamos a função `table` para contar o número de observações em cada nível do fator, cujo resultado atribuímos a um outro objeto. Os valores são exibidos se digitamos o nome do objeto.

```
herbTable <- table(herbFactor)  
herbTable
```

A função para gerar gráficos `plot` pode ser aplicada diretamente ao objeto desta tabela:

```
plot(herbTable)
```

Rode o código abaixo e avalie o que está sendo produzido em cada linha de comando .

Caso fique com dúvidas a primeira coisa a fazer é consultar o `help()` da função. O quadro onde temos o código abaixo, pode ser editado e pode rodar novamente com outro código. Fique a vontade para explorar a documentação das funções que estamos apresentando.

Note que na tabela e na figura os níveis não estão ordenados da forma como deveriam e falta o nível de herbivoria nula. Isto acontece porque, ao criar uma variável de fator a partir de um vetor de valores, o R cria níveis apenas para os valores presentes, e ordena estes níveis alfabeticamente. Caso um nível não tenha sido observado nos dados, ele fica de fora da variável, mas o correto seria ele ter a contagem como 0 .

Para ordenar o fator e incluir um nível que não foi representado na amostra usamos o argumento

levels da função fator:

```
herbFactor <- factor(herb, levels = c("N", "B", "M", "A"))
```

Modifique o código da janela acima, incluindo o argumento `levels` na função `factor` e rode novamente o código todo na janela abai

NOTA: há uma classe para fatores ordenados que poderia se aplicar aqui, mas seu uso tem implicações importantes nos resultados de algumas análises, que no momento não vêm ao caso. Mais informações a respeito na ajuda da função [factor](#).

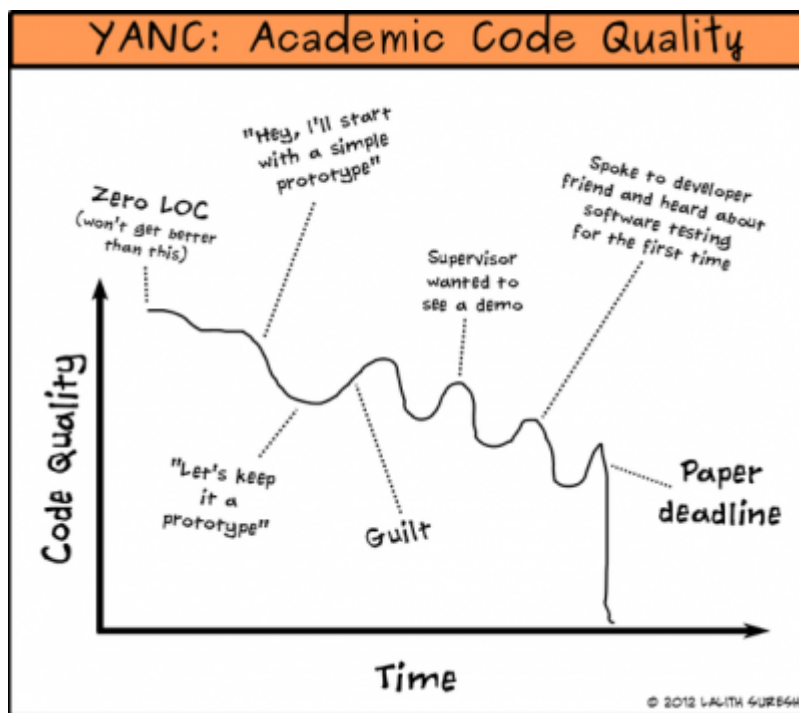
O Código

Antes de continuar a introdução aos conceitos básicos do R, vamos entender uma conduta importante em programação. Um dos primeiros hábitos que você deve adquirir para trabalhar com o R é **não digitar os comandos diretamente no console do R⁶⁾**, e sim em um arquivo texto, que chamamos de **script** ou **código**. Essa intermediação entre o texto do comando e o interpretador, feita pelo script, é importante pois garante que o que está sendo direcionado ao R é armazenado no arquivo texto, que por fim, pode ser salvo e armazenado no computador, como um registro do procedimento executado e para ser utilizado novamente quando necessário.

Reprodutibilidade do procedimento

Quando trabalhamos em uma planilha eletrônica, a partir de dados brutos, podemos salvar os gráficos ou os dados modificados após manipulados. Entretanto, o procedimento não é salvo. Se precisar fazer o mesmo procedimento para outro conjunto de dados precisará lembrar todas as etapas e a ordem em que foram executadas. Em programação, o script é nosso roteiro do procedimento que foi executado. Para repetir um procedimento é só executar novamente o script. Isso incrementa muito a reprodutibilidade do nosso procedimento, uma qualidade muito importante para a ciência de um modo geral, mas também para o dia a dia. Por isso, a partir desse momento no curso, iremos abandonar a interface do R online que estávamos usando para rodar o código e vamos, a partir de agora, produzir script ou códigos!

Editor de Código



Um editor de código nada mais é do que um editor de texto puro como o bloco de notas do Windows. Algumas funcionalidades são bem vindas, como por exemplo, enviar a linha de código diretamente para o console do R sem a necessidade de copiar e colar.

A instalação básica do R contém uma interface gráfica de usuário (R-GUI) simples, tanto no Windows como no IOS, que acompanha um editor de códigos.

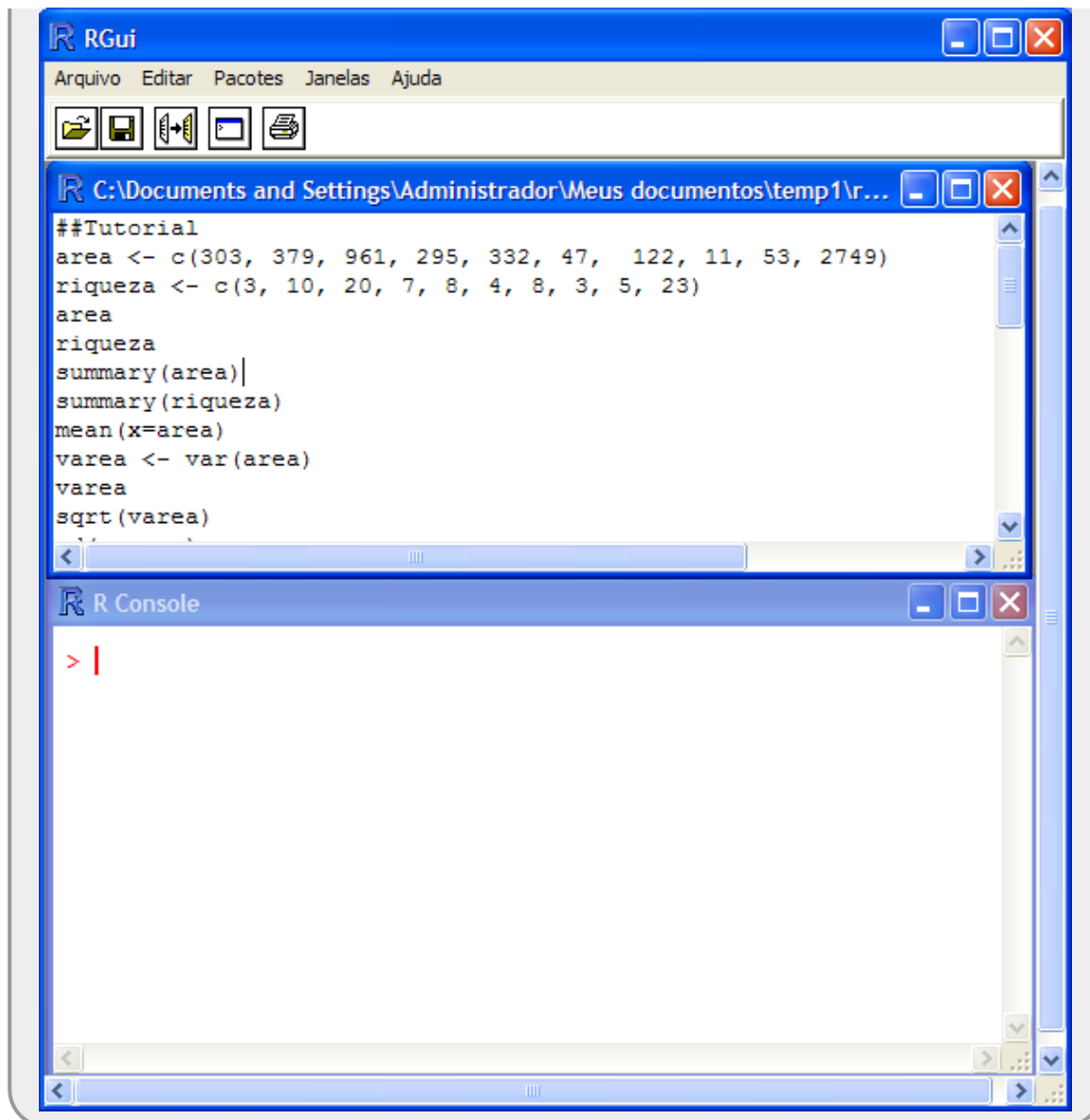
O editor de códigos do R-GUI no Windows e no Mac é bastante simples e costuma ser uma boa opção inicial para usuários deste sistema. Para esta disciplina ele é suficiente.

No Linux não há uma GUI padrão para o R, e esta escolha deve ser feita logo no início.

Na página de material de apoio há uma seção com várias [dicas sobre interfaces para o R](#) para lhe ajudar.

A figura abaixo é uma captura de tela do R-GUI do Windows, mas no MAC o editor é similar, e você pode manter a mesma lógica. Deixe sempre uma janela de código aberta acima da janela do R, como na imagem abaixo:





Interface de usuário R-GUI

Na figura acima há duas janelas com funcionamentos e objetivos muito distintos.

1. a janela da parte superior apresenta um arquivo de texto puro que pode ser editado e salvo como texto. Por padrão salvamos esses arquivos com a extensão `.r` ou `.R` para reconhecermos que é um script da linguagem R. O sistema operacional deve reconhecer a extensão com sendo do R automaticamente.
2. a janela na parte inferior é o console do R, ou seja o programa propriamente dito. Essa janela recebe os comandos de código e envia ao interpretador do R, que por sua vez, retorna o resultado final do processamento⁷⁾.

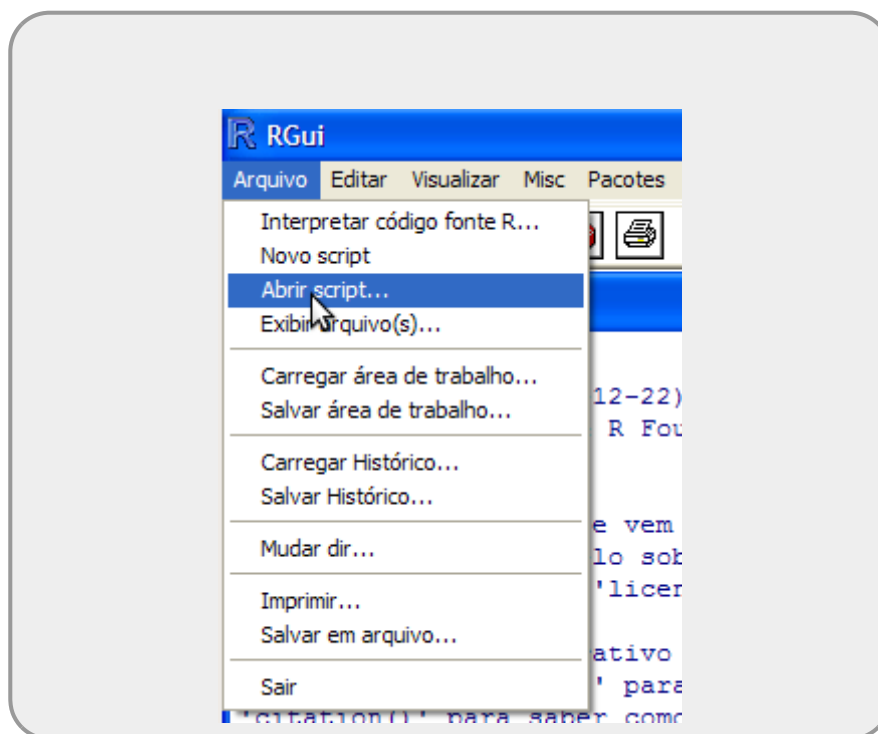
Para evitar confusão e perda de trabalho é importante digitar as informações que serão transmitidas ao R (linhas de código) no arquivo texto e ir passando esses comandos ao R. Uma boa prática também é comentar as linhas de código para

que outras pessoas, ou mesmo a pessoa que criou o código, possam entender ou lembrar o que o código executa.

É imprescindível aprender a se organizar dentro da lógica do ambiente de programação, com o risco de perder trabalho ou ficar completamente perdido entre as tarefas que executa.

O primeiro Script

- Copie todas as linhas de códigos que foram processados nesse tutorial até o momento em arquivo texto simples no bloco de nota do Windows ou algum outro programa simples de texto (TextEdit no macOS);
- Salve o arquivo em uma pasta ⁸⁾ conhecida do seu computador, associada a essa disciplina, com o nome e extensão `tutorial01.r` ⁹⁾;
- Execute o R e abra o *script* que salvou, utilizando a opção do menu “Arquivo/Abrir script”:



- Vá para a janela do *script*, coloque o cursor na primeira linha e tecle `Ctrl - r`. Faça o mesmo com as linhas seguintes;

Para Usuários de MAC

Para enviar comandos do editor de código do R-GUI para o R utilize `Command+Enter` ou `Command+Return`.

Veja o material [RMacOSX](#)

- Coloque o título no arquivo como sendo `## Tutorial Introducao ao R`
- Na linha seguinte coloque a data como comentário: `## Data: ...;`
- Comente cada bloco de código com o nome do tópico que o código está associado no roteiro
- Comente ou retire qualquer linha de código que tenha gerado erros durante o processamento;
- Retire a redundância na atribuição dos objetos, mas cuidado com objetos que são sobrescritos, veja o `copa70`, por exemplo;
- Ao final selecione todas as linhas do script, inclusive comentários e tecle `Ctrl - r` para submeter tudo ao interpretador do R;
- Garanta que não há mensagens de erro ao longo do processamento do script.



The screenshot shows the RGui application window. The menu bar includes 'Arquivo', 'Editar', 'Pacotes', 'Janelas', and 'Ajuda'. The toolbar contains icons for file operations. The script editor window, titled 'C:\Documents and Settings\Administrador\Meus documentos\temp1\r...', contains the following R code:

```
##Tutorial
area <- c(303, 379, 961, 295, 332, 47, 122, 11, 53, 2749)
riqueza <- c(3, 10, 20, 7, 8, 4, 8, 3, 5, 23)
area
riqueza
summary(area)
summary(riqueza)
mean(x=area)
varea <- var(area)
varea
sqrt(varea)
```

The R Console window shows the execution of the code:

```
> area <- c(303, 379, 961, 295, 332, 47, 122, 11, 53, 2749)
> riqueza <- c(3, 10, 20, 7, 8, 4, 8, 3, 5, 23)
> area
[1] 303 379 961 295 332 47 122 11 53 2749
> riqueza
[1] 3 10 20 7 8 4 8 3 5 23
> summary(area)
  Min. 1st Qu.  Median    Mean 3rd Qu.    Max.
 11.00   70.25  299.00  525.20  367.20 2749.00
> |
```

Comentários no código

Para fazer comentários no código, usamos o símbolo de `#`. Qualquer conteúdo na linha de comando depois do `#` não é interpretado pelo R.

Utilizamos os comentários, em geral, para tornar o código autoexplicativo.

- Salve o *script* com estas modificações.

Agora vamos submeter o *script* salvo no nosso sistema de correção automática de código, chamado **notaR**.

Agora que já fez seu primeiro exercício no notaR. Siga para a aba de [exercícios](#) para seguir os exercícios desse tópico. Os exercícios ficarão embutidos nesse wiki, mas deixaremos sempre o link para o notaR caso prefiram abrir a plataforma diretamente. **Lembre-se de logar no sistema notaR** antes de fazer os exercícios e não deixe de passar pela aba da apostila, ela complementa aos [tutoriais](#), apesar de alguma redundância desejável.

1)

funções também são uma classe de objetos

2)

O caracter ? funciona como um atalho para essa função

3)

alguns links não funcionam, mas a maior parte sim

4)

fonte: [FIFA](#)

5)

procedimento de transformar uma classe em outra

6)

Console é a interface de interação com o interpretador da linguagem: recebe o comando, envia ao interpretador e retorna a resposta. O que vínhamos usando no início desse tutorial é um interpretador online do R

7)

quando a tarefa solicitada é a representação de um gráfico, uma nova janela é aberta, um dispositivo gráfico.

8)

diretório de trabalho é o nome técnico desta pasta para o R

9)

quando o sistema operacional não mostra a extensão dos arquivos é preciso configurá-lo para que seja apresentado

From:

<http://ecor.ib.usp.br/> - **ecoR**

Permanent link:

http://ecor.ib.usp.br/doku.php?id=02_tutoriais:tutorial1:start&rev=1614091306

Last update: **2021/02/23 11:41**

